

UMA ANÁLISE DOS MICRO MACHISMOS NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA UFPEL

ANA PAULA TIMM KROLOW¹; MARCIO SILVA RODRIGUES²

¹*Universidade Federal de Pelotas – anapaulatkrolow@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – marciosilvarodrigues@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo geral analisar a presença de práticas de micro machismos dentro do curso de administração da Universidade Federal de Pelotas. Unindo a descrição adotada no trabalho de machismo – “atitude ou comportamento de quem não admite a igualdade de direitos para o homem e a mulher” - e a noção de “micro” estabelecida por Foucault (1979), que remete aos discursos capilares, quase “invisíveis”, formou-se o título do trabalho com a expressão “Micro Machismos”. Esta expressão reflete as práticas investigadas ao decorrer da pesquisa dentro do objeto de estudo selecionado, práticas e discursos naturalizados reproduzidos em um determinado ambiente e que contribuem para a perpetuação da desvalorização da mulher. (LOURO, 1995; SCOTT 1989)

Joan Scott apresenta uma visão essencial para entender a dinâmica entre o machismo e as relações de poder, e consequentemente as relações de trabalho, substituindo a noção de poder tradicional por “alguma coisa que esteja mais próxima do conceito foucaultiano de poder” (SCOTT, 1989, p. 20). Foucault (1979) com a noção de microfísica do poder, desorganiza as concepções tradicionais, e elimina a ideia de que o poder está em uma estrutura central, que o detém e dissemina em uma única direção, e defende que ele é descentralizado e está inserido em todas as relações de forma capilar, agindo como mecanismo de manutenção de uma rede, como um conjunto de práticas sociais e discursos historicamente construídos, que assim, disciplinam os indivíduos e grupos. (LOURO, 1995).

O interesse pela universidade tem dois motivos principais: a premissa de que a universidade deve ser um ambiente democrático, plural e acolhedor, porém este ambiente não existe enquanto houver segregação e preconceito de qualquer forma; e também, mais precisamente o curso de Administração, por estar diretamente relacionado com a formação de pessoas atuantes no mercado de trabalho e nas empresas.

2. METODOLOGIA

Considerando que este trabalho visa tanto verificar a ocorrência das práticas dos micro machismos quanto, se existentes, descrevê-las, optou-se por realizar o estudo em duas etapas, uma primeira fase predominantemente quantitativa, e posteriormente uma análise qualitativa.

Primeiramente, afim de obter um panorama geral da ocorrência dos machismos no curso e a percepção do tema pelos alunos, foi elaborado um questionário, onde as questões pretendiam exemplificar as práticas mais comuns.

As questões feitas pretendiam exemplificar as práticas micro machistas mais comuns dentro das universidades, e foram elaboradas com base, principalmente, nos conceitos de gênero de Scott (1995), de naturalização de Beauvoir (1980), nas práticas ligadas à educação abordadas por Louro (1999) e

nas experiências vividas em sala de aula pela própria autora. O curso, no período estudado, contava com 490 alunos matriculados, entretanto, devido as ausências em sala de aula, foram respondidos 206 questionários, sendo estes 98 vindos de alunas e 108 de alunos. Após a aplicação pessoal destes questionários, os resultados foram tabulados, e iniciou-se a análise interpretativa dos mesmos.

Posteriormente, para que uma análise melhor de como essas práticas ocorrem fosse feita, foram recolhidos quatro relatos voluntários vindo de alunas do curso. As entrevistas não continham um roteiro pré-determinado, pois a ideia era realmente levantar manifestações espontâneas, que retratassem os acontecimentos sob o ponto de vista das entrevistadas

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar das práticas estarem fortemente interseccionadas, todos os dados, tanto dos questionários quanto dos relatos, foram agrupados em quatro categorias principais de práticas dos micro machismos, afim de facilitar a teorização e a compreensão, e são elas: a idealização, a objetificação, a masculinização e a deslegitimização

A primeira categoria analisada foi a idealização da mulher. Imputar à feminilidade características como a fragilidade, o cuidado, a pureza, a responsabilidade pelos cuidados do lar por exemplo, constroem essa idealização e naturalizam esse comportamento. Tudo isso está muito ligado idealização também da família, onde a mulher é estigmatizada, e essa concepção costuma ser transposta as empresas e demais organizações (FONSECA, 2000). Foi perguntado aos alunos se já haviam presenciado falas que promovessem o estereótipo machista da mulher, e 77% do total de alunos responderam afirmativamente. Dentre os relatos voluntários, destacam-se os exemplos de falas mescladas com os conteúdos das disciplinas, determinando as funções das mulheres, ou então o tipo de publicidade que deve ser voltado para este público.

No segundo item foi analisada a objetificação da mulher, ou seja, o ato sexista de tratar a mulher como um objeto, podendo assim observá-la e julgá-la como bem entender. A categoria busca explicitar a ocorrência de práticas que repreendem as alunas na sala de aula e no ambiente do curso quanto ao seu jeito de vestir e de agir, remetendo assim à ideia de que existe uma forma “correta” de se portar e se apresentar nesse ambiente. Feita a pergunta, aproximadamente 62% das alunas respondentes afirmaram terem sofrido olhares ou comentários constrangedores. Embora esse seja um comportamento comum entre alunos e professores, os episódios mais citados como constrangedores pelas alunas em suas falas foram de olhares e comentários vindo de discentes, consequência da dinâmica de poder da sala de aula, impossibilitando a resposta das alunas.

A terceira categoria é a masculinização. É perceptível na sociedade que as profissões mais tradicionais, as que possuem um maior prestígio, são profissões que tem origem masculina, e que até hoje são ocupadas predominantemente por homens. (BEAUVOIR, 1980; CHIES, 2010). Considerando que, como mencionado anteriormente, os papéis de gênero são construídos socialmente, há, também, um conjunto de características e comportamentos que formam o padrão masculino aceito para ocupar estas profissões ou áreas. Nas declarações, as alunas apontam que há, claramente, um perfil do administrador ideal, e consequentemente, uma exigência para que essas alunas se encaixem nesse perfil, tanto no ambiente acadêmico, quanto no mercado de trabalho.

A quarta e última prática analisada é a da deslegitimização, ou seja, desvalorizar a mulher diminuindo a sua importância, seja desconsiderando suas

opiniões, desmerecendo sua capacidade, ou até mesmo privando-a do seu espaço de fala. Esta tende a ser a mais “sutil” das práticas abordadas no trabalho, devido ao seu grau de naturalização. Homens e mulheres são acostumados com essa ideia desde cedo, pois ela é replicada no ambiente familiar, no ensino básico, nas universidades, no trabalho, por exemplo. Ela personifica-se na figura do pai, do colega, do professor, do namorado, do chefe, exemplos que costumam ter a voz mais forte, a palavra final, o argumento mais válido, maior credibilidade ou a autoridade mais crível. Cerca de 31% das alunas afirmam já terem passado por algum constrangimento semelhante na sala de aula, na maior parte praticado por alunos (63%) e professores (53%).

4. CONCLUSÕES

A dominação masculina é uma relação de poder exercida e naturalizada na sociedade. Esta relação de poder está enraizada na forma como a sociedade se organiza e é mantida através de micro práticas inseridas em todos os comportamentos e discursos, sendo estas denominadas micro machismos.

Através dos questionários aplicados em todos os alunos do curso, tanto homens quanto mulheres, e dos relatos voluntários prestados por quatro alunas de diferentes semestres, foi possível constatar que as práticas de micro machismos ocorrem no curso. Há exemplos de promoção da “figura ideal feminina” nos exemplos dados em sala de aula, de constrangimentos sofridos pelas alunas quanto à forma de se portar e se vestir, no ambiente do curso e no mercado de trabalho, e de episódios em que as opiniões femininas foram desvalorizadas. Para uma melhor compreensão do fenômeno, é sugerido a realização de estudos futuros envolvendo a percepção das professoras e dos professores sobre o tema, e a pesquisa sobre outras práticas machistas que possam ocorrer.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 1980

CHIES, Paula Viviane. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 352-360, mai./ago. 2010

FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. **Mulher e cidadania na nova ordem social**. São Paulo: Núclero de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEMGE/USP), 1996

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e reconstrução. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, jul./dez. 1995

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1989